
ENUNCIÇÃO

**Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da
UFRRJ**

A linguagem poética e a experiência do mundo

Helena Maria de Souza Costa Arruda*
 <https://orcid.org/0000-0003-0661-5631>

Resumo: Partindo da grande indagação humana, desde antes da era cristã, acerca do nascimento da linguagem, o presente artigo busca trazer à luz algumas circunstâncias em torno das quais orbitam ideias aristotélicas a respeito do nascimento da poesia como primeira forma de contemplação do mundo natural. Através do olhar, primeiro contato entre o homem e o objeto, surge a linguagem poética: uma cadeia simbólica de imagens sobrepostas que coexistem em sintonia com o tempo, a realidade, a imaginação, a sociedade – por meio de uma relação de afetos; da experiência do mundo.

Palavras-chave: Linguagem; poesia; imagem; imaginação; memória.

Abstract: *Starting from the great human question, since before the Christian era, about the birth of language, this article seeks to bring to light some circumstances around which Aristotelian ideas orbit about the birth of poetry as the first form of contemplation of the natural world. Through the look, first contact between man and the object, poetic language arises: a symbolic chain of overlapping images that coexist in harmony with time, reality, imagination, society – through a relationship of affections; of the world's experience.*

Keywords: *Language; poetry; image; imagination; memory.*

*Poeta; ensaísta. Autora de *Interditos* (poemas, Batel, 2014); *Mulheres na ficção brasileira* (ensaios, Batel, 2016); *Corpos-sentidos* (poemas, Patuá, 2020); *Identidades em fuga* (ensaios, Urutau/Margem da Palavra, 2021); *Há uma flor no abismo* (poemas, prelo, Urutau, 2021). Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ

I

O que é a linguagem, quando e como ela nasceu e de que forma o homem começou a apropriar-se dela são indagações que têm cercado a humanidade ao longo de milhares de anos.

Se, como diz o Evangelho segundo João, “O Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus.”, a linguagem, segundo a tradição cristã, nasceu antes do homem: “Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens. Essa luz brilha nas trevas e as trevas não conseguiram apagá-la. A Palavra estava no mundo, o mundo foi feito por meio dela”, continua João, em seu Evangelho. Contudo, os questionamentos acerca da origem da linguagem têm acompanhado os filósofos desde antes do nascimento da era cristã, e continua atualmente sendo um incômodo, ou um mistério, que os estudiosos de vários campos da ciência perseguem, tentando elucidar.

De acordo com Aristóteles e toda a tradição grega, o homem é o ser da palavra, mas como ele chegou à palavra é a interrogação, ou o enigma, que Sócrates qualificou como insolúvel. E se ela, a palavra, está na origem do mundo, antes do nascimento do homem, ela também está depois dele e continua com ele, no tecido social. Ou seja, o homem só existe por meio da linguagem, única forma de apropriação de si, de sair da “escuridão”, de experimentar o mundo, de relacionar-se com o outro, de viver em sociedade, e, a partir daí, de exigir seus direitos, lutar por sua cidadania, contestar o que lhe é imposto pelo capitalismo. É pela palavra que o homem vai sobreviver ao caos, e é ela que vai também lhe conferir poder. É justo no poder da palavra que está centrada toda a discussão em torno do conflito entre cultura e linguagem, desde os tempos de Platão à contemporaneidade. “Quando Platão expulsa os poetas da cidade está reconhecendo a capacidade de subversão que carrega a poesia” (BORDELOIS, p.29). Subversão necessária para driblar os mecanismos disciplinadores do poder¹, haja vista que a cidade contemporânea é “patriarcal e autoritária: continua suspeitando dos perturbadores poderes da palavra poética e por isso a confina às catacumbas.” (*Idem*, p.29)

¹ Conforme Michel Foucault.

A sociedade de consumo e todo o ruído por trás dos slogans comerciais, os ruídos do mundo contemporâneo, inúmeros e cada vez mais intensos, violam a linguagem e tentam silenciar no homem não apenas a voz, mas, sobretudo, a capacidade de escuta da palavra poética. Não há silêncio necessário para que ela se manifeste, ao contrário, o que há é a tentativa de silenciamento, de apagamento da voz poética pelo capitalismo. O poder do capital tenta, a qualquer custo, sucumbi-la. Mas ela ressuscita e vai em busca das imagens necessárias, do vigor, da renovação, quase como uma entidade autônoma ao homem, e é justo dentro do tecido social que a linguagem se configura, como nos adverte o filósofo e poeta Octavio Paz, quando conclui que não há poesia sem sociedade, pois

Uma sociedade sem poesia careceria de linguagem: todos diriam a mesma coisa ou ninguém falaria, sociedade transumana em que todos seriam um ou cada um seria um poema sem autor, sem leitor e, a rigor, sem palavras. Condenados a uma perpétua conjunção que se resolve em instantânea discórdia, os dois termos buscam uma conversação mútua. Transformação da sociedade em comunidade criadora, em poema vivo; e do poema em vida social, em imagem encarnada. (PAZ, p. 96)

E se um poema é uma imagem encarnada, isto é, uma imagem mental que toma forma de palavra, antes, houve a própria experiência da imagem, só possível por meio do corpo e da memória, ou seja, através dos tempos que coexistem e trazem ao homem as sensações da presença (agora) e da ausência (passado). Uma imagem pode ser retida e depois suscitada por meio do sonho e da imaginação.

A imagem é um modo de presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo. (...) A imagem amada, e a temida, tende a perpetuar-se: vira ídolo ou tabu. E a sua forma nos ronda como doce ou pungente obsessão. (BOSI, p. 13)

A linguagem materializa a imagem e a aproxima do real, pois o homem necessita nomear esse novo real como uma forma de detê-lo, de substanciá-lo, esmiuçá-lo, trazê-lo para perto de si, para perto do corpo em movimento, o que faz com que homem desenvolva um fascínio pelo que ainda é uma recém-descoberta. É esse prazer e esse devaneio pelo novo real o primeiro passo para a criação poética, para o entendimento do mundo, para a criação de uma rede de afetos sem a qual o homem sucumbiria. É aí, em comunidade, no

tecido social, que homem e palavra coexistem. Agora a imagem não é apenas o que as retinas captam, ou o que é produzido pelo sonho e pela imaginação, mas a palavra articulada. O homem consegue codificar o ausente, isto é, a linguagem presentifica o mundo, mesmo que essa presença pressuponha uma ausência do objeto, uma abstração. A linguagem recorta, transpõe, socializa as percepções e os sentimentos do homem. A linguagem existe no tempo, e só assim é possível, uma vez que é o elo que une o passado (tempo da memória) e o presente (tempo das experiências vitais). Portanto, para que a linguagem se sustente é necessário que haja a predicação, ou seja, é preciso que se exerça o ponto de vista, pois “Predicar é admitir a existência das relações: atribuir o ser à coisa; dizer de suas qualidades reais ou fictícias; de seus liames com as outras coisas; referir o curso da experiência.” (BOSI, p. 25)

A complexidade da linguagem humana reside nessa rede intrincada de relações entre o homem e aquilo que seu olhar capta e transforma no novo real. É nessa relação entre o homem e o objeto que está a força e a fraqueza do discurso, e, também, a presença e a ausência do objeto, já que o homem é agora capaz de afirmá-lo ou de negá-lo de acordo com sua predicação. É a predicação que “vai dando o justo relevo às diferenças que se estabelecem entre o antes e o depois, o causal e o casual, o possível e o impossível e, às vezes, o verdadeiro e o falso. Mas a imagem e o devaneio se formam aquém do juízo da verdade.” (*Idem*, p. 25) e é justamente desse lado, ou seja, do lado de fora da Lógica, que reside o processo mitopoético, “numa união franca e amorosa com a fantasia.” (*Idem*, p.25), ou como prefere Ivonne Bordelois ao afirmar que devemos nos aproximar da poesia sempre encarando-a, antes de tudo, como “a zona mais alta e misteriosa da linguagem.” (BORDELOIS, p. 40)

Para o filósofo Aristóteles (384-322 a.C.), “duas causas, ambas naturais, parecem ter dado origem à arte poética como um todo.” (ARISTÓTELES, p. 57): a ação de mimetizar o mundo, que se constitui nos homens desde a infância; e o uso da melodia e do ritmo, pois

aqueles que eram mais bem dotados para esse fim conduziram e deram, pouco a pouco, origem à poesia a partir das improvisações. A poesia se dividiu segundo caracterizações próprias: de um lado, os mais elevados mimetizavam as belas ações e aquelas dos homens que agem desse modo; do outro, os menos elevados mimetizavam as ações infames,

compondo, em primeiro lugar, difamações {invectivas}; enquanto aqueles outros, hinos e elogios. (*Idem*, p. 59)

Partindo dos pressupostos de Aristóteles, chegamos à questão do cuidado com a palavra, com a linguagem, em toda a sua universalidade, uma vez que é a palavra, única forma de iluminação do homem em relação a outros seres, e aos da mesma espécie.

Cuidar, desfrutar, contemplar as palavras significa também poder reconstruí-las em sua infância, seguir seu processo significativo e metafórico desde o começo, suas origens ancestrais. Este cuidar etimológico nos remete a *etymon*, que significa, em grego, o certo; porque os gregos consideravam que o certo de uma palavra é sua origem. O momento inaugural em que foi pronunciada pela primeira vez. Para Nietzsche, filólogo apaixonado, a etimologia demonstra como as palavras supostamente literais são na realidade antigas figuras poéticas, fósseis prestes a ressuscitar: as verdades não são senão arcaicas metáforas esquecidas. (BORDELOIS, p. 41-42)

Se as palavras são “fósseis” poéticos e as verdades, “metáforas esquecidas”, pode-se afirmar que a poesia é ancestral a qualquer outra tentativa de discurso. Ela é a forma mais primitiva de comunicação do homem com o mundo. É uma revelação, um *insight*, um prenúncio do nascimento do homem como ser pensante, tendo em vista que é ela o elemento que singulariza o homem e o identifica como sujeito pleno. A identidade e a linguagem são construções infundáveis que particularizam o homem não só como indivíduo, mas também como membro da coletividade.

A linguagem, e, mais particularmente, a poesia, é inesgotável, diferentemente de outros bens de consumo, daí o seu caráter “perigoso”, “subversivo”, infinitamente potente e gratuito. “Nesse sentido, a linguagem é um perigo ameaçador para a civilização mercantilista, por sua estrutura única e indestrutível, que nenhum mercado pode pôr em xeque.” (*Idem*, p. 36)

As rodas de conversa entre amigos, as brincadeiras escolares entre crianças, os sorrisos furtivos dos adolescentes e até o convívio com e entre idosos têm perdido terreno para o uso excessivo da tecnologia, especialmente por meio dos aparelhos celulares; também o lixo televisivo, o lixo das mídias sociais e das músicas, o excesso de informações têm contribuído enormemente para afastar o homem da sua origem, da palavra e, especialmente, da poesia, do silêncio interno necessário para o surgimento da linguagem poética. Há muito barulho circundando o homem e é chegada a hora de ele questionar o

verdadeiro significado desse burburinho e os mecanismos que se escondem por trás de todo o ruído que circunda o mundo contemporâneo.

A deterioração da linguagem – tanto da que estamos falando quanto da que nos permitimos escutar – é uma forma de destruição sumamente grave, sobretudo quando acompanha, desde o interior, as enormes forças de agressão externa a que estamos submetidos diariamente. (...) Porque está claro que o sistema iníquo pode encurralar (...) nossos projetos pessoais ou políticos sem que em grande parte possamos impedi-lo, mas o esvaziamento da linguagem, o encurralamento de nossa capacidade verbal, a aniquilação desse pacto gratuito de solidariedade, liberdade e felicidade entre nós não pode se realizar sem nosso próprio consentimento e convivência. (...) com a permissão que damos a nossos agressores para encurralar e desvalorizar nossa linguagem também estamos arriscando e perdendo nossa verdadeira identidade, (...) de uma maneira autodestrutiva. (*Idem*, p. 37-38)

A perda da identidade está diretamente relacionada à perda do sujeito, ao distanciamento do “Eu” e, conseqüentemente, à perda do “Nós”, ao enfraquecimento do relacionamento com o “Outro”, ao surgimento da fragmentação identitária, cedendo espaço cada vez maior para as inúmeras formas de apropriação por parte do sistema capitalista, com suas garras ferozes sobre a humanidade. É aí, nessa fresta, com essa percepção, que a linguagem poética deve renascer, reapropriando-se de sua ancestralidade, permanecendo em constante alerta na alma do homem. “E, sim, as palavras pensam. Mas não ficam apenas aí. Também fazem da experiência um sítio capaz de ser ocupado; rebaixado ou elevado por elas.” (TAVARES, p. 170) E, como escreve Nietzsche “as palavras são sinais sonoros para conceitos”, entretanto,

os conceitos são sinais-imagens mais ou menos definidos para sensações, grupos de sensações que se repetem e se juntam frequentemente. Para nos entendermos não basta empregar as mesmas palavras: deve-se empregar a mesma palavra também para nos referirmos ao mesmo gênero de vivências íntimas, deve-se, enfim, ter uma experiência com o outro. (NIETZSCHE In TAVARES, p.170)

Além da experiência com o “outro” é preciso que o homem exerça sua capacidade de escuta, de cuidado, de atenção com o que o mundo capitalista tenta lhe impor. É preciso estar em movimento de resgate, de cura, de diálogo interior e exterior. É urgente que o homem olhe o seu entorno e encontre na palavra silenciada a força da fala e da escrita. Só assim ele estará em contato consigo, com sua integralidade, com o seu próximo e,

efetivamente, com sua comunidade, convivendo no tecido social de forma plena e responsável.

II

O drama da linguagem poética reside não apenas no seu nascimento, mas, como se pode perceber desde Aristóteles, no seu uso. “Pela analogia, o discurso recupera, no corpo da fala, o sabor da imagem. A analogia é responsável pelo peso da matéria que dão ao poema as metáforas e demais figuras.” (BOSI, p. 29)

A poesia nasce no silêncio e no balbuciamiento, no não poder dizer, mas aspira irresistivelmente a recuperação da linguagem como uma realidade total. O poeta torna palavra tudo o que toca, sem excluir o silêncio e os brancos do texto. (...) O poema acolhe o grito, os trapos vocabulares, a palavra gangrenada, o murmúrio, o ruído e o sem-sentido: não a in-significância. (...) Nada sabemos desse sentido porque a significação não está no que agora se diz e sim mais além, em um horizonte que mal começa a se aclarar. Realidade sem rosto e que está aí, diante de nós, não como um muro, mas como um espaço vazio. Quem sabe como será realmente o que vem e qual é a imagem que se forma em um mundo que, pela primeira vez, tem consciência de ser um equilíbrio instável fluando em pleno infinito, um acidente entre inúmeras possibilidades de energia? Escrita em um espaço cambiante, palavra no ar ou na página, cerimonia: o poema é um conjunto de signos que buscam um significado, um ideograma que gira sobre si mesmo e em redor de um sol que ainda não está nascendo. (PAZ, p. 120-121)

Na modernidade, o poeta passa a olhar para a conjunção entre o “eu” e o “tu” e não mais para as imagens isoladas do mundo. São essas imagens mescladas da realidade que passarão a dar significação à poesia. E isso se estende, com mais ênfase, à contemporaneidade, onde o poeta vive o presente flutuante e em total insegurança social, política, econômica e, até mesmo científica, com o surgimento de novas doenças, com a possibilidade de guerras cada vez mais mortais, com o avanço de extremistas, de fascistas. O que há é um franco desmoronamento do mundo. É ali naquela fresta do tempo que está o poeta de “um mundo caduco”, como quer Drummond e muitos outros. Um poeta que olha perplexo para a realidade crua, dolorosa, desumana que se descortina diante de suas “retinas tão fatigadas”². Não é mais o passado longínquo, mas o tempo presente que acompanhará o poeta: “O nosso tempo, o presente, não é de fato, apenas o mais distante:

² “No meio do caminho” (DRUMMOND, p. 267)

não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura. Por isso, apesar de tudo, contemporâneos a esse tempo.” (AGAMBEN, p. 64), como no poema “Mãos dadas”.

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.
(DRUMMOND, p. 158)

O poeta confessa estar preso à vida (“estou preso à vida”), diz estar preocupado com o outro (“olho meus companheiros. Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.”) e com a “enorme realidade” que se deflagra diante de si, no tempo presente. O poeta termina por declarar que o tempo é sua matéria poética: “o tempo presente”, “os homens presentes”, “a vida presente”.

A poesia busca uma relação intrínseca com a realidade da vida, com as experiências humanas, e o poeta tenta reafirmar o seu lugar, as suas crenças, o seu tempo. Há um processo de subjetivação, de singularização e, concomitantemente, de universalização do sentimento do poeta, que passa a ser de todo aquele que se identifica com o poema, suas imagens, seu ritmo, suas metáforas, suas conotações históricas e sociais. O poema passa a ser atemporal, pois a figura do real que está presente nos signos linguísticos é modalizada pelo *páthos* da situação existencial que só o discurso inteiro é capaz de apreender, aproximando o eu-lírico do seu interlocutor, uma vez que

A imagem vem transposta para a clave do *signo* linguístico, o qual se constitui de um ou mais significados (que o universalizam) e de um significante sonoro, que o imerge no fluxo do tempo vocal. Logo, *há entre o poeta e o campo da experiência não só a*

mediação imagística como também as várias mediações do discurso: o tempo, o modo, a pessoa, o aspecto, faces todas que a predicação verbal configura. (BOSI, p. 115)

Contudo, as relações do mundo com a voz poética são fenômenos complexos e de difícil precisão. “O poeta – o contemporâneo – deve manter fixo o olhar no seu tempo.” (AGAMBEN, p. 62), já que “Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.” (*Idem*, 61-62) Esse poeta contemporâneo, que escreve em concomitância com seu tempo, surge junto com a poesia, ou seja, desde antes da era cristã poeta contempla o mundo e tudo o que o mundo lhe revela por meio da experiência, como se pode observar nos fragmentos do Livro I da poética de Safo, datada de 630-570 a.C., por exemplo.

... do céu desce[nd]-

vem de Creta a mim pa[ra o] santuário
consagrado até o teu belo bosque
junto às maci[eiras] o altar esfuma-
çado de incenso

lá uma água fresca a rugir nos ramos
entre as macieiras é só penumbra
da roseira e no alvitremor das folhas
desce esse sono

lá cavalos pastam num amplo campo
no vernal das flores por onde os ventos
sons suaves sopram [
[]

lá você ó Cípris toma
e graciosa sobre essas taças áureas
poderá libar o teu néctar dilu-
ído nas festas

(SAFO, 630-570 a. C.p. 33)

Testemunho de que a poesia é capaz de atravessar séculos e de permanecer, a maior parte dos fragmentos do poema acima foram retirados inicialmente de um vaso grego datado do século III a. C., conforme notas. Outro fragmento é citado por “Ateneu, *Banquete dos sofistas*¹¹, 463e, e é comentado por Hermógenes, *Gêneros de estilo (...)*” (*Idem*, p. 35). Ambos considerados fragmentos originais. No prefácio da edição usada neste artigo, Guilherme Gontijo Flores nos explica as diferenças entre os fragmentos diretos e indiretos, utilizados por pesquisadores, historiadores, tradutores, escritores, responsáveis pela eternização por milhares de anos de poesia.

Fragmentos diretos: são aqueles que nos chegaram por meio de papiros, inscrições, vasos antigos etc., e, assim, nos dão uma mostra material de como esses textos circulavam na Antiguidade. No caso de Safo, temos peças a partir do século III a.C., porém a imensa maioria é dos séculos I-II d. C., ou seja, a uma distância de 600 anos do período em que a poeta teria vivido. (...) *Fragmentos indiretos*: são citações que temos por meio de gramáticos, comentadores, lexicógrafos e outros mais, que foram por sua vez copiados ao longo do Medievo e assim chegaram até nós. (...) não podemos nos esquecer de que, como são citações, e em geral as citações na Antiguidade eram feitas de cabeça, o que temos não é de todo confiável, mas sim uma leitura de outra leitura, confiada à memória de determinado autor, que pode estar a cem mil anos de distância de Safo. (FLORES In: SAFO, 630-570 a. C. p. 17-18)

Diante da beleza e da força vital da poética de Safo, é possível se perceber que a poesia, como gênero literário, é não apenas uma forma de comunicação com o outro, mas, essencialmente, uma forma de estar no mundo, de dizer esse mundo, de experienciá-lo.

Sabemos que havia um forte culto a Afrodite em Creta, tal como em Chipre. (...) o termo grego traduzido por sono, como observa Carson, tem usos peculiares: é o sono pós-coito de Zeus na *Ilíada* (14.359), o resultado da quebra de promessas por um deus em Hesíodo (*Teogonia* 798), o transe ao ouvir a lira em Píndaro (*Píticas* 1.12) e também a letargia no *corpus* hipocrático. (...) uma complexa relação entre erotismo e sinestesia. Cípris é epíteto típico e ritual de Afrodite, vinculado ao mito de seu nascimento em Chipre. (...) a deusa, neste poema, parece servir de garçonne para a poeta e suas companheiras. “Néctar” aqui é o vinho divino, que em vez de diluído em água, como o dos mortais, se dilui em festividades. (*Idem*, p. 35)

Trazer a poesia de Safo para este estudo comprova a potência da palavra poética na história do mundo. A poesia sendo contemporânea dentro do seu tempo, contando histórias,

e, principalmente, percorrendo séculos e dando ao homem atual uma ideia dos costumes, da vida, do comportamento humano, dos sentimentos e sensações que nutriram mulheres e homens da Antiguidade.

(...) felizmente, as culturas transcorrem e se sucedem umas às outras, enquanto a linguagem, apesar de carregar consigo cicatrizes das diferentes hecatombes culturais, econômicas e históricas das quais é testemunha e vítima, continua ali como depósito da memória coletiva e fonte viva da vida e da poética futura. (BORDELOIS, p. 83)

A força e a potência da linguagem residem justamente no seu poder de indestrutibilidade. E se a linguagem é indestrutível, no seu esplendor está a poesia em toda a sua eternidade, pois a linguagem, elemento da qual a poesia é composta, nunca se esgota: não tem princípio nem fim. Poesia e linguagem surgem juntas, em sintonia, pois “Assim como a chuva surge d’água e para a água volta, assim como o mar ascende para o céu para regressar a si, assim também a poesia emerge da linguagem e à linguagem retorna, purificando-a em sua viagem desde os abismos às alturas mais remotas.” (*Idem*, p. 85)

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética* (organizada pelo autor). Rio de Janeiro: Record, 2004.

ARISTÓTELES, 384-322 a.C. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

BORDELOIS, Ivonne. *A palavra ameaçada*. Tradução de Alicia Ivanissevich. Rio de Janeiro: Viera Et Lent, 2005.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SAFO, c 630-570 a.C. *Fragmentos completos*. Edição bilíngue; tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: Editora 34, 2020.

ARRUDA, Helena Maria de Souza Costa
A linguagem poética e a experiência do mundo

TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens*.
Porto Alegre: Dublinense, 2021.

Recebido em: junho de 2021
Aprovado em: setembro de 2021